

Mais de 700 mil livros vendidos no Brasil

ALI HAZELWOOD

AUTORA DE A HIPÓTESE DO AMOR

NO FUNDO É AMOR





Este tem que ser para as AmsterDAMNs.





Querido leitor,

Mais uma vez, muito obrigada por escolher um dos meus livros. Este talvez seja o meu favorito entre os que já escrevi, e fico muito feliz que enfim esteja no mundo! Antes de mergulhar, quero que você saiba que esta obra explora alguns tipos de fetiche, consensuais e negociados – em particular, relacionados a dominação e submissão. Se decidir ler, espero que goste da experiência.

Com amor,
Ali





PRÓLOGO

Tudo começa quando Penelope Ross se debruça sobre a mesa de madeira do restaurante, levanta o dedo indicador e faz a seguinte declaração:

– Décimo círculo do inferno: você encontra o amor da sua vida, mas o sexo é totalmente *meh*.

Na frente da equipe inteira de saltos ornamentais de Stanford.

Às 11h15 da manhã.

Durante o brunch de comemoração do meu aniversário de 21 anos.

Há quatro segundos, estávamos tendo uma daquelas conversas bem desnecessárias sobre nossos problemas intestinais, e a mudança brusca de assunto chega a ser desconcertante. Eu estava aproveitando meu recém-adquirido direito legal de tomar bebida alcoólica, mas nenhuma quantidade de álcool é capaz de me impedir de soltar um:

– O quê?

Não foi um dos meus momentos mais diplomáticos. Por sorte, minha incredulidade foi abafada pelas reações do resto do time: Bree cuspidando a bebida, Bella tendo um sobressalto escandalizado e Victoria fazendo seu comentário cético:





– Mas o *Blomqvist* não é o amor da sua vida?

– Com certeza. – Pen assente.

Dou um gole generoso na minha mimosa, chegando a ficar com a boca cheia. O gosto é bem pior do que o de suco de laranja puro, mas a onda que dá é *muito* bem-vinda.

– Pen. Querida.

Bree limpa respingos de expresso martíni dos óculos usando a barra da camisa da irmã, Bella, que não protesta. Coisa de gêmeas, acho.

– Quantos drinques você tomou? – pergunta Bree.

– Tipo, metade daquela jarra.

– Ah. Talvez a gente devesse...

– Mas a mimosa entra e a verdade sai. – Pen se debruça um pouco mais. Faz um gesto com a mão e baixa a voz: – Estou confiando em vocês, meninas. Estou me abrindo. Estamos tendo um *momento*.

Victoria suspira.

– Pen, eu te amo, vou estar sempre do seu lado, iria até os confins de Mordor contigo e toda essa merda, mas não estamos tendo um *momento*.

– Por quê?

– Porque você está inventando coisas.

– *Por quê?*

– Porque *Blomqvist sabe trepar*.

Eu me recosto na cadeira em um estado de semiconfusão e me forço a pensar em Lukas *Blomqvist* – uma atividade rara para mim. As pessoas acham que sou fascinada por tudo que envolve piscina, mas isso não é verdade. Os únicos esportes que considero remotamente interessantes são os saltos ornamentais e os saltos no chão (ou, como as pessoas normais chamam, ginástica artística). O resto está fora do meu radar. Tem sempre muita coisa rolando nos esportes aquáticos. Não consigo acompanhar nem os times de polo de Stanford, que dirá os de natação.

Ainda assim, *Blomqvist* é um cara difícil de ignorar. Talvez por causa do caminhão de medalhas. Dos recordes mundiais. Além disso, se a capitã do meu time é parte integrante de um casal de atletas fenomenais, cabe a mim conhecer a outra metade. E Pen e *Blomqvist* já namoram há séculos. Que eu saiba, foram prometidos um ao outro desde o nascimento para consolidar as relações diplomáticas entre Estados Unidos e Suécia.





Fecho os olhos para trazer à superfície minhas poucas memórias a respeito dele. Sunga preta. Tatuagens. Cabelo castanho curto e repicado. Uma envergadura acima da média. Aquele físico majestoso e meio improvável que todo nadador de elite tem.

Victoria tem razão. Podemos apostar com segurança que, sim, Blomqvist *sabe* trepar.

– Eu não disse que ele não sabe. Ele é ótimo. Só não é...

Pen faz uma careta, algo tão atípico para sua personalidade confiante de sempre que até me tira do torpor causado pela mimosa.

Acontece que Pen é incrível. Inspiradora. O tipo de pessoa que sabe instintivamente como deixar os outros à vontade. Ela te lembra de beber água. Oferece o elástico no pulso quando seu cabelo começa a colar nos lábios. Lembra seu aniversário. Eu poderia fazer aulas de desenvolvimento pessoal até os 50 anos e deixar uma equipe de analistas de dados me reprogramar, e ainda assim jamais teria um terço do charme de Pen, porque carisma como o dela vem diretamente da base de cromossomos. E agora ela está roendo as unhas, como se tivesse acabado de descobrir o que é ansiedade social? Não estou gostando nada disso.

– Só não é... o que eu quero. E, para ser sincera, vice-versa – acrescenta ela, num murmúrio.

– E o que você quer?

Ainda bem que a Victoria perguntou, porque eu não tenho coragem. Ela é a pessoa extrovertida e sem filtro de que todo time precisa.

– Ai, meu Deus. Eu só quero... sabe, às vezes... – Pen bufa.

De repente, fico tensa.

– Se Blomqvist estiver forçando você a...

– Não. Meu Deus, *não*. – Ela balança a cabeça, mas eu não devo parecer muito convencida, porque ela continua: – Não. Ele nunca faria isso.

Todo mundo já abandonou a conversa: as gêmeas estão discutindo para decidir de quem é cada drinque, Victoria está acenando para o garçom.

– Luk não é assim. É só que... Como é que se fala para um cara que você precisa de algo diferente?

Por que ela está perguntando *para mim*? Por acaso está escrito na minha testa *já pedi para levar uns tapas*?

Para ser sincera, já pedi mesmo.





- Os escandinavos não têm a mente superaberta?
- Talvez? Ele sem dúvida tem mente aberta quando o assunto é...

Ela para de falar, porque um pequeno grupo de garçons desafinados aparece cantando “Parabéns” e muitas coisas acontecem ao mesmo tempo.

Eu assopro a única vela meio mal posicionada em cima do bolo. Elas me entregam o presente do time: um kit de elásticos extensores. Fico emocionada por um momento ao perceber que alguém cronicamente introvertida como eu encontrou pessoas tão *legais*. Victoria se levanta para ir ao banheiro. Pen recebe uma ligação da tia. Bree pergunta que aulas vou fazer no próximo trimestre.

É muita coisa em pouco tempo. Acabamos nunca voltando ao assunto da vida sexual misteriosamente imperfeita de Penelope Ross e Lukas Blomqvist – e é melhor assim. Qualquer que seja o problema entre eles, deve ser algo trivial. Ela não gosta da marca de camisinha que ele usa. Ele se recusa a dormir de conchinha. Os dois ficam cansados depois do treino e discutem sobre quem vai ficar por cima. Não é da minha conta, então deixo o assunto deslizar da minha mente feito uma enguia.

Até algumas semanas depois, quando tudo muda.





CAPÍTULO 1

A coisa que eu mais temia ao começar o terceiro ano de faculdade acontece numa quarta-feira de manhã, algumas semanas antes do início do trimestre. Está marcada no meu calendário do Google, no horário de dez às onze, uma única palavra que pesa muito mais do que a soma de suas letras.

Terapia.

– Isso é meio atípico – diz Sam em nosso primeiro encontro, sem qualquer julgamento ou curiosidade em seu tom de voz.

Ela parece ter dominado a ciência da neutralidade em todos os aspectos da vida – o terninho bege, o aperto de mão nem muito fraco nem muito forte, um visual elegante e jovial de alguém que pode ter entre 40 e 70 anos. Está muito cedo na nossa relação para eu já querer *ser* ela?

– Sempre pensei que o departamento de esportes de Stanford tivesse a própria equipe de psicólogos esportivos.

– E tem – respondo, passando os olhos pelas paredes do consultório. Tem mais diplomas do que fotos pessoais, quatro a zero. Talvez Sam e eu *já* sejamos a mesma pessoa. – Eles são ótimos. Me consultei com eles nos últimos meses, mas... – Dou de ombros, torcendo para que fique claro que a culpa por não ter dado certo foi minha. – Eu tive algumas questões, uns anos atrás... que





não têm a ver com os saltos. Na época, a terapia cognitivo-comportamental funcionou bem para mim. Conversei com meu treinador e, já que é a sua especialidade, decidi tentar os serviços de atendimento psicológico.

Abro um sorriso como se tivesse plena confiança nesse plano. Quem me dera.

– Entendi. E no passado, quando você fez terapia cognitivo-comportamental, quais eram as questões...

– Nada relacionado ao esporte. Era... coisa de família. Minha relação com meu pai. Mas isso tudo já está resolvido.

Eu me dou conta de que falei um pouquinho rápido demais, e fico esperando que Sam conteste a óbvia mentira mal contada, mas ela só me observa e me analisa, o rosto fechado.

Muita atenção direcionada a mim de uma vez só. Estremeço na cadeira, sentindo a dor perpétua em meus músculos. A dor não me acalma, exatamente, mas estou aqui para ser *consertada*, e não *confortada*.

– Entendi – diz ela, por fim.

Abençoada seja a TCC e sua abordagem direta ao ponto. *Você faz essa coisa que te prejudica. Vou te ensinar a não fazer isso, seu plano de saúde vai me pagar e cada um segue feliz em seu caminho. Traga o seu trauma. Os lencinhos são por minha conta.*

– E, só para confirmar, Scarlett, você *quer* estar aqui?

Eu faço que sim enfaticamente. Posso não estar ansiosa para passar pela agonia que é expor as partes mais vulneráveis da minha alma, mas também não sou nenhuma detetive clichê de uma série dos anos 1980 que se recusa a fazer terapia. Terapia é um privilégio. Tenho sorte de poder fazer. E, mais do que isso, eu preciso dela.

– Preciso admitir que não sei muita coisa sobre saltos ornamentais – comenta Sam. – Parece requerer um tipo bem complexo de disciplina.

– É verdade.

Muitos esportes de competição demandam um equilíbrio delicado entre a força física e a mental, mas os saltos... os saltos treinaram por muito, muito tempo para se tornarem o mais perturbador de todos.

– Será que você pode me explicar?

– Claro.

Eu pigarreio e olho para minha calça e minha camisa de compressão.





Preto e vermelho. *Stanford Natação & Saltos: Tema a Árvore*. A pessoa que faz o design dos nossos uniformes claramente quer que nossa identidade seja reduzida ao desempenho atlético. *Nunca esqueça: você é a sua pontuação*.

– Pulamos de coisas. Mergulhamos em piscinas. Fazemos umas acrobacias no meio do caminho.

Era para ser uma piada, mas Sam não é muito propensa a risadas.

– Imagino que haja mais coisa.

– Muitas regras. – Mas não quero entediá-la nem ser uma paciente difícil. – Eu sou atleta da Divisão I da Associação Atlética Universitária Nacional. Participo de competições em duas modalidades. Uma é no trampolim, aquela tábua de fibra de vidro que balança... – Faço um movimento para cima e para baixo com a mão estendida. – Que fica a três metros de altura.

Do tamanho de um avestruz, lembro a voz do meu primeiro treinador falando.

– E qual é a outra?

– A plataforma. Essa fica a dez metros de altura.

Dois girafas.

– E não balança?

– É estática.

Ela assente.

– A pontuação funciona como na ginástica artística?

– Basicamente, sim. Um painel de jurados fica observando os erros e vai subtraindo os pontos.

– E quantos saltos você faz por competição?

– Depende. E não é... não é exatamente quantos. – Eu contraio os lábios.

Ela espera, mas se mantém atenta. – É o grupo.

– O grupo?

– O... tipo de salto, digamos.

– E são quantos grupos?

– Seis no total. – Eu mexo, inquieta, no meu rabo de cavalo. – Frente.

Costas. Pontapé. Parafuso. Equilíbrio.

– Entendi. E, no seu e-mail, você disse que está se recuperando de uma lesão, certo?

Terapia é um privilégio. Mas eu não gosto.





– Correto.

– Quando foi isso?

– Há uns quinze meses. No fim do primeiro ano.

Cerro os punhos debaixo das coxas e espero que ela peça os detalhes sangrentos, pronta para recitar minha lista.

Sam, no entanto, me poupa.

– Você disse que são seis grupos de saltos?

– Isso.

Fico surpresa com a mudança de assunto e baixo a guarda.

Um erro de proporções catastróficas.

– E essa sua lesão, Scarlett... tem alguma coisa a ver com o fato de que só listou cinco?





CAPÍTULO 2

- **V**ocê fez merda – diz Maryam durante a primeira semana de aulas.

E tudo que consigo pensar para além do desespero zunindo em meus ouvidos é que eu merecia um pouco mais de consideração da minha colega de quarto.

Eu a ajudei a limpar manchas de sangue de incontáveis malhas de luta greco-romana. Será que não mereço nem um pouco de compaixão? Ou no mínimo uma bronca mais discreta?

– Eu sou um quarto alemã – contesto. – Minha mãe nasceu lá. Eu devia ser boa nisso.

– Sua mãe morreu quando você tinha 2 anos, Vandy. Sua madrasta, que foi quem te *criou*, é de um fim de mundo qualquer no Mississippi.

Pesado. Mas justo.

– Minha composição genética...

– É irrelevante e não te credencia a tirar nota boa o suficiente para passar em alemão – diz ela, com o desdém de quem já cresceu bilíngue.

Não lembro exatamente qual é a parte do cérebro que controla a habilidade de aprender novas línguas, mas a dela certamente está girando a todo





vapor. Uma excelente fonte de energia renovável, pronta para abastecer um pequeno país europeu.

Enquanto isso:

– Eu não sou boa nessas coisas – reclamo. E *por que* eu deveria ser? – É ridículo que faculdades de medicina exijam conhecimento de língua estrangeira.

– Não é, não. E se você decidir se juntar aos Médicos sem Fronteiras e sua chance de salvar a vida de alguém dependa de saber se “bisturi” é masculino ou feminino?

Coço a cabeça.

– *Die Skalpellen?*

– Pronto, o paciente morreu. – Maryam balança a cabeça. – Você fez merda, amiga.

Uma merda influenciada pelo conselho do meu orientador acadêmico. *Pegue as matérias de pré-medicina primeiro*, disse ele. *Você vai precisar desses conhecimentos para passar no teste de admissão da Faculdade de Medicina*, acrescentou. *É a melhor escolha*, concluiu ele.

E eu acreditei. Porque tudo que eu queria era estar *em pleno controle dessa merda toda*. Porque sou uma estudante atleta e minha agenda é uma mistura de torre de Jenga e tutorial de shibari. Espontaneidade? Só se for previamente combinada. Fiz um planejamento para os quinze anos seguintes no dia em que me formei no ensino médio e sempre tive a intenção de segui-lo: no mínimo um título na liga universitária, faculdade de medicina, ortopedia, noivado e casamento, felicidade compulsória.

Claro, eu estraguei esse plano quando enfiei uma sequência de químicas e biológicas no primeiro e no segundo ano – sem pensar que as aulas de ciências nunca foram o meu fraco. Cheguei ao terceiro ano e minha nota média tremeu na base. Psicologia é perturbadoramente vago. O dativo alemão me assombra nos meus pesadelos mais sangrentos. Nas aulas de redação em inglês, querem que eu construa argumentos convincentes a respeito de assuntos absolutamente etéreos e abstratos – tipo poesia, ética no controle de pragas, tempo-limite dos mandatos de governantes, se as pessoas existem quando não conseguimos vê-las.

Acho mais fácil quando as bolinhas caem dentro das cestas corretas. Preto e branco, certo e errado, carbônico e inorgânico. Este ano, tudo é um





grande cinza, e as bolinhas estão jogadas no chão, com uma poça de óleo de língua alemã se alastrando por baixo.

Eu costumava ser uma estudante que só tirava dez. Costumava ter controle das coisas. Viver em busca da excelência. A esta altura do campeonato, só estou tentando evitar fracassos retumbantes. Não seria maravilhoso se eu parasse de decepcionar as pessoas ao meu redor o tempo inteiro?

– Muda para outra língua – sugere Maryam, como se eu já não tivesse considerado todas as rotas de fuga possíveis.

– Não dá. É como as telhas de um telhado: todas estão sobrepostas a alguma outra coisa.

Tipo os exercícios matinais. O treino da tarde. E qualquer outra dos milhares de atividades para as quais Stanford me recrutou. E este devia ser o ano em que eu ia atingir o meu potencial atlético máximo. Se eu ainda tiver algum, pelo menos. Se é que algum dia tive.

Definitivamente parecia que eu tinha quando estava na escola, lá no fim do mundo (é no Missouri, mas já desisti de corrigir Maryam). Meia dúzia de técnicos universitários se engalfinhou para me atrair para suas faculdades porque eu era uma ex-atleta olímpica mirim, membro do time nacional, medalhista de campeonato mundial mirim. Topo da lista de recrutamento. Todos os técnicos que tive desde os 6 anos me colocavam para cima: *Você é excelente nisso, Vandy. Vai ter grandes conquistas, Vandy. Uma jovem saltadora promissora, Vandy.* E eu me deixei levar, feliz como um pássaro – até a faculdade, quando finalmente coloquei os pés do chão.

Na verdade, mal fiquei de pé.

Meu cérebro deve ter resolvido me dar uma colher de chá, porque eu não tenho qualquer memória dos trinta segundos que mudaram a minha vida. Sortuda como sou, a coisa toda foi gravada e está disponível para qualquer um assistir, porque aconteceu na final dos saltos ornamentais da liga universitária nacional. Tem até comentários.

– *E aí está Scarlett Vandermeer, da Universidade de Stanford, medalha de bronze na Olimpíada Mirim. Sem dúvida a maior novidade desta temporada, e com chances de bater um novo recorde na plataforma. Quer dizer, antes desse salto.*

– *Pois é, ela tentou um salto com duplo e meio mortal revirado em posi-*





ção carpada que tinha conseguido fazer perfeitamente durante a qualificação nesta manhã. Ela até conseguiu notas na casa dos oito e nove. Mas desta vez alguma coisa deu muito errado desde a saída.

São sempre aqueles em que você mais confia.

– É. Sem dúvida foi um salto falho... vai levar nota zero dos jurados. Mas ela também entrou na água no ângulo errado, então vamos torcer para que não tenha se machucado.

No que meu corpo respondeu: *Dane-se a sua torcida.*

É engraçado de um jeito absolutamente sem graça. Eu me lembro claramente da raiva – da água, de mim mesma, do meu próprio corpo –, mas não tenho qualquer memória da dor. No vídeo, a garota que sai mancando da piscina é uma sócia que roubou meu corpo. A longa trança caindo por cima do maiô vermelho pertence a uma impostora. As covinhas quando ela força os lábios para dar um sorriso? Um mistério. E por que é que aquele pequeno vão entre os dentes da frente se parece exatamente com o meu? A câmera segue implacavelmente atrás daquele caminhar meio tonto, mesmo quando o treinador Sima e seus assistentes correm para ajudar.

– Vandy... você está bem?

A resposta é ininteligível, mas o treinador adora contar a história de como a garota respondeu:

– Estou, mas vou precisar de um Advil antes do próximo salto.

No fim das contas, ela tinha razão. Ia *mesmo* precisar de um Advil antes do próximo salto. E de cirurgias. E reabilitação. O resultado?

Concussão.

Tímpano perfurado.

Pescoço torcido.

Lesão labral no ombro esquerdo.

Contusão pulmonar.

Torção de pulso.

Torção de tornozelo.

Algo pesado e viscoso se aloja em meu peito toda vez que assisto a esse vídeo e imagino pelo que ela deve ter passado – até me lembrar que aquela garota sou *eu*.

Todo cara com quem dei match nos aplicativos de relacionamento me perguntou: *Salto é basicamente a mesma coisa que natação, não é?* Mas,





assim como boxe, hóquei no gelo e lacrosse, os saltos ornamentais são um esporte de contato. Cada vez que entramos na água, o impacto vai direto em nossos ossos, músculos e órgãos internos.

Chupa, NFL.

– Você precisa se preparar para a possibilidade de nunca mais poder saltar – disse Barb antes da cirurgia.

É difícil considerar as palavras da sua madrasta um disparate pessimista quando a dita madrasta é uma cirurgiã ortopedista brilhante.

– Só queremos que você recupere totalmente os movimentos do ombro.

– Eu sei – respondi, e chorei feito um bebê, primeiro no ombro dela e depois sozinha na cama.

Mas Barb foi superprecavida... e eu tive sorte. No fim das contas, foi possível me recuperar. Fiquei no banco durante o segundo ano. Descansei. Tomei meus remédios. Fiquei firme na dieta anti-inflamatória. Foquei em fisioterapia, alongamentos e reabilitação, tão zelosa quanto uma freira fazendo suas orações noturnas. Visualizei meus saltos, lidei com as minhas dores, fui assim mesmo para o treino e fiquei assistindo ao resto do time, com o cheiro de cloro grudado em meu nariz, o azul brilhante da piscina a poucos metros de distância e, ainda assim, tão longe.

E aí, dois meses atrás, fui liberada para treinar. E tem sido...

Bom, estou fazendo terapia por um motivo.

– Acho que tenho uma ideia para resolver seus problemas com língua estrangeira.

Olho desconfiada para Maryam. Mas ainda assim me inclino para a frente, toda ouvidos, olhos e esperança.

– Vai me dizer para mergulhar em ácido, é isso?

– Só me escuta: Latim 2.

Eu me levanto.

– Vou embora.

– Pensa só como vai ser útil quando os Médicos sem Fronteiras te enviarem para a Roma Antiga!

Bato a porta e saio quarenta minutos mais cedo para o treino, tudo para evitar matar a minha colega de quarto.

Fomos colocadas juntas durante o primeiro ano e, apesar da grosseria impassível de Maryam e da minha inabilidade de substituir os rolos de papel





higiênico, de alguma forma nós não conseguimos mais viver separadas. No ano passado, fomos morar juntas (voluntariamente?) num apartamento fora do campus e acabamos de renovar (voluntariamente?) o contrato de aluguel, nos condenando a mais 24 meses na companhia uma da outra. A verdade é que nossa convivência é simples e requer pouco esforço emocional. E, para alguém como eu (uma perfeccionista controladora que só pensa em metas e gosta de exceder expectativas), encontrar alguém como Maryam é um presente.

Não exatamente um *bom* presente, mas eu aceito.

O Centro Aquático Avery é a melhor instalação onde já treinei. Fica ao ar livre, tem quatro piscinas e uma torre de saltos, e é lá que treinam todas as equipes de esportes aquáticos de Stanford. Hoje, o vestiário feminino está mergulhado num agradável silêncio. É um raro momento intermediário: os nadadores já foram treinar; os saltadores ainda não chegaram. Os jogadores de polo aquático foram recentemente expulsos para outro prédio, e muitos derramaram lágrimas de gratidão.

Visto o maiô. Coloco uma camiseta e um short por cima. Ajusto o alarme, me sento no banco de madeira desconfortável e contemplo minhas escolhas de vida. Exatamente dez minutos depois, o celular vibra, e eu me levanto sem ter alcançado nenhuma paz interior ou iluminação. Estou a caminho da lavanderia para buscar uma toalha quando ouço uma voz familiar.

– ... não funciona – diz Penelope.

Ela está parada a alguns metros no corredor, mas não me vê.

– Não *mesmo* – continua ela, a voz embargada.

Eu reconheço esse tom daquela competição em Utah, quando ela errou um salto carpado para a frente, entrou de barriga na água como se fosse um esquilo voador e caiu da primeira para a nona posição.

– Não para nós.

A resposta vem numa voz mais baixa e mais grave. Menos angustiada. Lukas Blomqvist está parado diante de Pen, sem camisa, braços cruzados, óculos de natação pendurados no pescoço e a touca pendendo entre os dedos. Deve ter acabado de sair do treino, porque ainda está pingando. A testa levemente franzida é difícil de interpretar – pode ser um olhar carrancudo ou apenas sua expressão sueca de sempre. Não consigo ouvir o que ele diz, mas não importa, porque Pen o interrompe:





– ... não tem motivo para isso, se...

Mais uma resposta num tom de voz grave e baixo. Dou alguns passos para trás. Não tenho nada a ver com essa conversa. Não preciso *tanto* de uma toalha.

– É melhor assim. – Pen chega mais perto dele. – Você sabe que é.

Blomqvist respira fundo, seus ombros molhados se contraindo, fazendo-o parecer ainda mais alto. Percebo a tensão em seu maxilar, a virada repentina da cabeça, os músculos retesados em seu braço.

Perigoso. Ameaçador. Assustador. É isso que ele é. Ao lado dele, Pen parece tão pequena e atordoada que meu cérebro vira uma chave.

Não me importo que a conversa não seja da minha conta. Eu me aproximo, lançando um olhar fulminante a Blomqvist. Meus dedos tremem, então cerro os punhos junto ao corpo e, embora provavelmente ele seja quatro vezes mais forte do que eu e Pen juntas, embora seja uma péssima ideia, eu pergunto:

– Pen, está tudo bem?





CONHEÇA OS LIVROS DE ALI HAZELWOOD

A hipótese do amor
A razão do amor
Odeio te amar
Amor, teoricamente
Xeque-mate
Noiva
Não é amor
No fundo é amor

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

